Acervo ISA

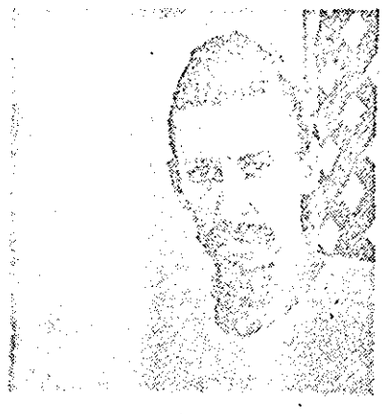
CEDI

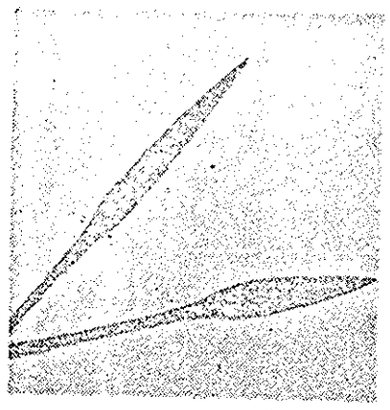
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal da Tarde **Class.:** 13

Data: 27.11.68 **Pg.:** 24

QUEM CHEFIA A MORTE NA SELVA?





Raymond de Caumont, o Baby, *primeira foto ao alto, é* sertanista e caçador. Conhece bem os índios. A onça da foto está com êle em Jundiaí.

O tenente Ribas (foto acima) enviará hoje uma expedição à maloca que foi avistada ontem de um avião. *Perto dela, havia índios.*

O sertanista Raymond de Caumont, que está em Jundiaí, ouviu de Sabá, o índio pacificado que guia suas expedições na *selva do Amazonas, que o homem branco que chefia os Atroaris* é um brasileiro e tem o *apelido de Cearense. Outros sertanistas,* em Manaus, contam que o homem branco que chefia os *Atroaris* é um venezuelano e tem o nome indígena: *Maroaga.* Texto de Waldir Sanches; radiofotos de Milton Ferraz e Alaur Martins.

Raymond conhece a selva e os índios. Êle acusa um homem de barbas e longos cabelos louros.

O homem branco que chefia os índios Atroaris é brasileiro e tem um apelido: "Cearense".

"Cearense" é baixo, tem cabelos louros compridos, a barba também loura e sotaque nordestino; é o tuchaua, cacique dos Atroaris. Sabá, um índio pacificado, guia das expedições do sertanista Raymond de Caumont, o Baby, o conheceu há três anos. E o denunciou a seu patrão, que conta esta história.

Explorando os índios no garimpo, "Cearense" ficou rico. Agora êle não quer que outros homens brancos cheguem a Atumã, região rica em ouro, onde vivem os Atroaris. Êle não *quer a estrada, os fiscais que controlarão* seus negócios, o Exército, a polícia e os outros garimpeiros. Êle quer continuar explorando os índios, como escravos.

Raymond de Caumont, o Baby, agora revela:

— *Tenho algumas provas da presença* de "Cearense" entre os índios. A primeira, as flechas de lasca de facão e trabalhadas a lima, que Sabá me trouxe. A segunda, a excessiva agressividade dos Atroaris, de uns tempos para cá.

Sabá e Baby *estiveram na região de Atumã* há três anos. Conseguiram as flechas de lasca de facão e descobriram que os Atroaris só se tornaram agressivos aos brancos depois que apareceu o tuchaua "Cearense": "E, então, os índios atacaram o Pôsto Irmãos Brágila, do Serviço de Proteção ao Índio; depois, mataram diversos brancos".

E Baby conclui:

— Claro que o "Cearense" tem alguma coisa a ver com isso. Está vivendo como um rei. Os índios — não só os Atroaris, mas também os Vaimiris — extraem o ouro para êle. *Sem ninguém para controlar as suas atividades,* consegue fazer ótimos negócios. E, por isso, *não quer a civilização por perto* — ela atrapalharia os seus negócios.

Baby mora *na Ilha do Careiro, perto de* Manaus, há 7 anos. Só vem a São Paulo — tem uma casa em Jundiaí — tratar da criação do seu Centro de Safari e Turismo Tauara e vender plantas medicinais — a Curaré, a Phea-Aru (para o rejuvenescimento das células nervosas) e a Uasca, um alucinógeno.

— Eu estou há três anos tentando o contato com os Atroaris — diz êle. — É um trabalho que precisa ser feito aos poucos. Por exemplo: várias vêzes nós deixamos presentes *para os índios. Eles ficam desconfiados,* pensando que é uma outra tribo que está preparando *um ataque. Só depois de muito tempo,* geralmente mais de três anos, é que os índios deixam uma resposta ao presente: uma flecha. É o sinal de que êles estão querendo conversar.

O padre Calleri, o chefe da expedição que está morta, perdida ou aprisionada pelos índios, *na selva de Roraima, errou ao procurar os* Atroaris, sem ter feito nenhum contato antes, *só os conhecendo teòricamente. É a opinião* de Baby.

— Chegar aos índios é fácil. Sair é que é difícil, êles não deixam. Ora, o padre Calleri desconhecia êsses costumes. E êsses costumes variam muito em cada tribo. Eu não entendo como êle pôde ter tanta confiança, sabendo que os Atroaris já tinham atacado os brancos, muitas vêzes.

Êste último ataque é o sexto conhecido na Amazônia. Em 1956, os índios massacraram *alguns pescadores e sequestraram duas meninas.* Hoje, elas vivem numa maloca perto do rio Camanou. Há 20 anos, perto do rio Alalaú, seis funcionários do Serviço de Proteção ao Índio foram mortos. Quatro anos depois, mais oito homens morreram no mesmo lugar. Em 60 e 61, várias famílias de colonos, que se instalaram à beira do Camanou, tiveram que fugir dos índios. A maioria delas não conse*guiu escapar.*

— É preciso viver dentro das selvas para saber *a maneira certa de agir.* Eu, por exemplo, quando estou com uma tribo, nunca faço nada sem a autorização do tuchaua (cacique). Como é que o padre Calleri poderia conhecer os costumes dos índios, se logo nos primeiros dias — como noticiaram os jornais — começou a se desentender com o tuchaua?

Vários índios contaram a Baby, em ocasiões diferentes, esta mesma história — a história de uma aparição comum em várias tribos: "o céu ficava todo azul, muito bonito. E, de repente, *surgia um homem de cabelos compridos, de* barba, aloirado, que trazia a prosperidade e curava as doenças de todos, antes de partir".

Daí, uma explicação para o tuchaua branco dos Atroaris, o "Cearense", segundo Baby:

— Êle tem o tipo físico que agrada aos índios. Tem os cabelos compridos e a barba aloirados.

Raymond de Caumont, o Baby, trouxe de sua última caçada, na selva do Amazonas, uma onça que está agora com dois meses de idade. *Ela é mansa, fica muito agitada na hora do* comer, está com as unhas cortadas — assim, qualquer pessoa pode aproximar-se dela, sem mêdo. Êle, não: é alérgico.

Trouxe também, da mesma caçada, um gato selvagem. Com a experiência que ganhou nas várias expedições que fêz, Baby diz:

— Deveriam ser tomadas medidas especiais de proteção aos índios. Uma delas, a principal, é criar reservas onde apenas êles pudessem caçar e pescar.

O homem branco que chefia os índios Atroaris é um venezuelano e tem um nome indígena: Maroaga.

Muitos sertanistas afirmam que o conheceram, um engenheiro até o fotografou — mas a FAB não está acreditando nessas histórias. Edward Celestino Santana, assistente-técnico do Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas, é *um dos que* conhecem Maroaga:

— *Há muitos anos que um branco* chefia os índios na região do rio Alalau. *Algumas vêzes, êles falam em um capitão* Maroaga. Explicam também, com números, que êle é um homem severo e mau. Cêrca de 40 índios Atroaris e Valineris, expulsos *de suas tribos,* estão vivendo juntos. Segundo me informaram, êsse bando renegado é chefiado por um criminoso.

Os índios Atroaris, descritos por Edward Celestino Santana: "São fortes, altos e têm a pele clara. Nunca comem alimentos crus. Não gostam de feijão e arroz, nem de cereais. E defumam castanha durante o verão, para a comerem no inverno. Gostam do banana e de mandioca".

— É com a mandioca que cultivam em grandes plantações que os índios preparam o seu pão. Primeiro, êles fazem uma massa, depois a cozinham num fumeiro. A aparência não é muito boa, mas fica gostoso.

Edward conhece bem os costumes dos Atroaris. E lembra um dêles: "Os índios mandam sempre grupos de reconhecimento para saudar os brancos. Só atacarão se êsses grupos concluírem que o inimigo está em número e em condições inferiores". Lembra, também, que êles costumam fazer flechas com as lâminas dos facões que ganham de presente.

— Mas a qualidade das flechas tem *melhorado. E isso,* para mim, é uma prova da existência de brancos entre êles.

Uma outra prova, segundo Alvaro Paulo da Silva, o Mineiro, único sobrevivente, até *agora, da expedição do padre Calleri:*

— Um dos Atroaris se mantinha sem*pre, em todos os encontros com a gente,* o mais afastado possível dos outros. Queria *aparecer menos. Seria o branco?*

A FAB, por enquanto, não está preocupada em *descobrir* se Maroaga existe ou não. Tôdas as histórias que se conta em *Manaus são analisadas,* mas só serão investigada depois. A preocupação, agora, é só a do *descobrir a expedição — massacrada,* perdida ou aprisionada pelos índios na selva *de Roraima. Ontem, as buscas prosseguiram.*

A novidade: quando o Catalina da FAB deixou de sobrevoar a maloca dos *Atroaris e seguia para a base do Moura,* a Oeste de Manaus, seus tripulantes avistaram uma clareira. Nela, havia uma maloca, alguns índios. O avião a sobrevoou a baixa altitude. Os índios, então, *começaram* a correr. Só três dêles permaneceram parados.

Pela localização da clareira, segundo o Serviço de Buscas e Salvamento da FAB, os índios avistados são Atroaris — são os mesmos que habitavam as malocas onde foram encontrados alguns objetos dos expedicionários do padre Calleri, esta semana.

Com a maloca descoberta, outra novidade: ela é poligonal, diferente de tôdas as outras já vistas até agora, que são redondas.

Os estudos dessa maloca não puderam ser feitos ontem mesmo por causa das chuvas que caíram em tôda a região. E o trabalho programado também ficou prejudicado. Apesar do mau tempo, nove homens do SAR e do PARA-SAR desceram às 13h15 na aldeia Esperança, à margem do igarapé Santo Antônio.

Perto de uma das malocas da aldeia, a que está em construção, os nove homens encontraram vários objetos que devem ter pertencido à expedição do padre Calleri. São 12 lampadas, oito soquetes para lampadas, um par de botas quase novas, uma *faca, carne sêca estragada, remédios,* algodão e vidros de medicamentos. Havia ainda *três chapéus de palha — um dêles cortado* a facão; algumas pedras de isqueiro, espoletas e o emblema da expedição.

Os objetos foram considerados "indícios importantes" pelo SAR e PARA-SAR. E novas buscas serão feitas agora à margem do Igarapé Santo Antônio, à procura de "novos indícios", principalmente do equipamento de rádio e de um gerador.

Apenas um ponto do programa do Serviço de Buscas e Salvamento não pôde ser cumprido ontem, por causa das chuvas. Era a ida à mata que fica a 30 quilômetros da aldeia Esperança, ao local onde o padre Calleri instalou um de seus ultimos acampamentos.

Êsse trabalho deverá ser feito hoje. Os homens do PARA-SAR descerão e serão retirados da mata, com o material que encontrarem, através de um guindaste que foi colocado ontem a bordo de um helicóptero a jato, na base de Moura.

O programa do Serviço de Buscas e Salvamento da FAB, para os próximos dias: enviar uma expedição de homens do PARA-SAR a todos os lugares por onde passou a expedição do padre Calleri, principalmente à picada que divide a aldeia Esperança da Maloca Queimada. A distancia entre as duas é de 30 quilômetros.

Para continuar o seu trabalho, a FAB espera hoje, em Manaus, a chegada de um avião Hércules que trará, do Rio de Janeiro, *mais um helicóptero a jato. O que tem* sido usado já está com as horas de vôo *vencidas e precisa ser substituído.*

Outro avião esperado em Manaus é o *Búfalo. O tenente Everaldo Ribas,* diretor da Divisão de Buscas e Salvamento da Di*retoria de Rotas Aéreas, logo que êle che*gar, transportará os jornalistas para Moura.

Em Manaus, há vinte jornalistas do São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires e dos jornais locais. Êles não podem ir à base avançada de Moura ou acompanhar as operações do PARASAR nas malocas dos índios porque a FAB, até agora, ainda não tinha condições para levá-los. E a viagem, em aviões particulares, é muito difícil.

Moura, a base avançada da operação, fica a 280 quilômetros a Oeste de Manaus. O rádio usado na operação está instalado em uma das suas duas únicas casas. Na segunda casa, a 500 metros da primeira, estão instalados os transmissores e a antena do rádio.

O Catalina da FAB tem voltado do Moura tôdas as tardes. Pela manhã, decola para a base avançada com combustível, materiais, alimentos e água.

*O governador Danilo Areosa, do Ama*zonas, divulgou ontem um ofício que enviou ao Ministro do Interior, general Albuquerque Lima. Êle qualifica de "absurda e altamente prejudicial aos interêsses da Amazônia Ocidental e à Segurança Nacional" a interdição da região do Alalau, onde os expedicionários do padre Calleri desapareceram.

"A imprensa divulga — diz o governador — que o presidente da Fundação Nacional do Índio pedirá a V. Exa. (o Ministro do Interior) para interditar a região do Alalau, onde ocorreu, segundo consta, massacre à expedição pacífica do padre Calleri. A medida é absurda e altamente prejudicial aos interêsses da Amazônia Ocidental e à Segurança Nacional. Do mesmo modo que lamentamos o massa*cre dos índios, não aceitamos, se confir*mada a ocorrência, que episódios como *êste se repitam, com perda de vida de civi*lizados. Somos favoráveis a que se modifique a atual política de proteção ao índio, transformando-o em ser humano útil à Pátria, embora conservando o *em seu habitat,* sendo uma das medidas de ocupação da Amazônia. A Fundação Nacional do Índio acha-se instalada onde não existem silvícolas, afastada, portanto, da área de sua atuação, não lhe permitindo sentir os problemas regionais e medidas que devem ser adotadas para equacionar problemas comuns. Há de ser considerado que silvícolas *ocupam áreas mais ricas de nosso Estado,* impedindo a sua exploração, com prejuízos *incalculáveis para a receita nacional, impos*sibilitando a captação de maiores recursos para a prestação de serviços públicos, tais como, a ampliação da rêde escolar e serviços de saúde".

Ontem à noite, a redação de alguns jornais de Manaus foram informadas de que as duas mulheres da expedição do padre Calleri haviam sido encontradas a 200 quilômetros da aldeia Esperança. As autoridades do Serviço de Buscas e Salvamento desmentiram tudo: não há nhuma informação dos expedicionários do padre Calleri.

O português Frederico Machado, de 73 anos, procurou ontem o Serviço de Buscas *e Salvamento, no aeroporto de Ponta Pela*da, em Manaus, para dar esta informação: "*Basta uma palavra para acalmar os Atroa*ris. É jacuno, que significa amigo, na lingua dêles".

Frederico é um velho de cabelos brancos, *alto e de pele queimada. Viveu 12 anos* na selva do Amazonas: — Conheço os Atroaris há muito tempo, da mesma forma como conheço muitas outras tribos daquela região.

Êle sente dificuldade para falar algumas palavras e diversas vêzes faz sinais com os dedos, como se estivesse conversando com índios. Lembra-se como encontrou os Atroaris, mas não se lembra quando:

— Foi há muito tempo. Eu trabalhava com meu irmão. Era comerciante de borracha e castanhas. Nós esperávamos os balateiros (homens que extraem a seiva da balateira; árvore parecida à seringueira) e resolvemos pescar. Os Atroaris chegaram em três.

O velho sertanista conta que os empregados que os acompanhavam ficaram com mêdo. *Quiseram matar os índios a tiros.* — Aí puxei pela memória e me lembrei da *palavra: jacuno. E comecei a gritar bem* alto: jacuno, jacuno.

Os índios, que pareciam furiosos, abaixaram seus arcos e se aproximaram. "Ofe*reci alimento a êles. Comeram muito* peixe e se mostraram contentes. Então, começaram a chegar *muitos* índios. Uma índia olhava muito para mim. Eu peguei um vidro com loção e a chamei. Depois, molhei os cabelos dela com a loção. Peguei um espelho e ela se olhou admirada. Aí, eu disse que ela tinha ficado bonita. E repeti: bonita".

Frederico lembra que a índia começou a falar "bonita" e que logo todos os índios repetiam essa palavra. Ela pedia a loção e a despejou tôda na cabeça. Ficou muito contente.

— Ficou tudo muito bem, mas no dia seguinte um dos meus homens matou um índio porque sentia mêdo. Os índios mataram todos os meus empregados e eu tive que me mudar às pressas.